

MARÍLIA GUIMARÃES FERNANDES

**Análise dialógica dos discursos de luta feminista
nas redes sociais: vozes polarizadas em *hashtags***



MARÍLIA GUIMARÃES FERNANDES

Análise dialógica dos discursos de luta feminista nas redes sociais: vozes polarizadas em *hashtags*

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Conselho do curso de Letras
da Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientador: Prof^a Dr^a Marina Célia
Mendonça**

ARARAQUARA – S.P.
2017

Fernandes, Marília

Análise dialógica dos discursos de luta feminista
nas redes sociais: vozes polarizadas em hashtags /
Marília Fernandes – 2017

34 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Letras) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Prof^a Dr^a Marina Célia Mendonça

1. Círculo de Bakhtin. 2. ideologia. 3. dialogismo.
4. vozes sociais. 5. feminismo nas redes sociais. I.
Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

À oportunidade que tive de conhecer o feminismo, que me ajudou a encontrar minha força. E à oportunidade de conhecer o Círculo de Bakhtin, onde encontrei explicações para as inquietudes que eu tinha sobre a linguagem e sua eficácia na luta social.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Melissandra e ao meu pai Eduardo, pessoas mais dedicadas que já conheci, que me proporcionaram toda a base material e emocional para que eu chegasse aqui. Agradeço a eles também por terem sempre me incentivado aos estudos e ao questionamento, grandes trabalhadores e leitores apreciadores da vida. Agradeço aos meus irmãos Emília e Antônio pelo companheirismo de sempre, agradeço ao nascimento do meu sobrinho e afilhado que me levou aos estudos sobre parto e maternidade abrindo ainda mais o caminho para os estudos sobre a mulher, além é claro por ter trazido a pureza de uma criança em meus dias. Agradeço à minha avó Ruth e minha madrinha Marilene, exemplos de mulheres fortes e lutadoras. Agradeço à minha família Itumbiareense e à minha família Potiguar.

Agradeço às amigas e amigos que fiz durante a vida, pois todos fazem parte da minha formação pessoal, mas em específico agradeço aos que construí no período de graduação, pois foi com eles que construí muito na ideologia que me levou a desenvolver essa pesquisa. Ainda mais especificamente, não poderia deixar de citar as amigas e os amigos de curso, com quem dividi não só a graduação em Letras, mas também minha vida: Heitor Quimello, que me apresentou e estudou comigo o Círculo de Bakhtin, sempre tão atencioso e disponível, além de ser um exemplo de intelectual amante dos estudos e da luta; Kleitan Von Kant, companheiro para todas as horas, com quem morei junto por três anos, aquele que sempre estava ali para ouvir meus desabafos, pra me dar colo e pra filosofar sobre as peripécias que a vida nos prega, trabalhador desde sempre; Isabela Salvino, irmã que a vida me deu e me mostrou um caminho lindo no sentido da espiritualidade e do cuidar do próximo, com quem divido minhas inquietudes todas; Mariana Fernandes, amiga que encoraja mostrando a força de uma mulher independente que se joga; Rebeca Chibeni, amiga que inspirou e inspira meu lado artístico, cantora, grande apreciadora de livros e artes; Marco Matus, mineiro com quem me identifico muito por nossas origens interioranas, sempre com seu jeito simples e carinhoso buscando não parar de lutar nunca.

Agradeço ao meu companheiro e amigo André Sammi, que me dá força para continuar e pra conseguir seguir com meus objetivos, pessoa que me ensina a ter paciência e a partir sempre de uma perspectiva positiva do outro, além é claro de compartilhar comigo as experiências de nossas vidas.

Agradeço a todas as professoras e professores que fizeram parte da minha educação durante toda a minha vida.

Agradeço à minha orientadora Marina Célia Mendonça, por ser sempre tão atenciosa, por compreender e me ajudar a clarear minhas ideias encaminhando-as ao caminho do desenvolvimento de pesquisas, de mais curiosidades e mais estudos. Agradeço a ela também por me orientar e dividir comigo seu vasto conhecimento derivado de anos de dedicação.

“Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas”

Gonzaguinha, “Caminhos do Coração”

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso desenvolve estudo sobre como se dá o movimento em defesa de mulheres nas redes sociais Facebook e Twitter. São analisados enunciados da hashtag #elesemprefala sob uma perspectiva dialógica, fundamentada no arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin. Para isso, partimos das categorias de *ideologia*, *signo ideológico e conflito de valores*, *compreensão responsiva ativa*, *vozes sociais* e *discurso indireto*. Também compõem o referencial teórico-metodológico os estudos de Ducrot e Maingueneau sobre o operador *mas* em construções de estruturas sintático-enunciativas contrastivas apoiadas na interdiscursividade. A partir dessa base teórica, portanto, buscamos analisar as vozes sociais em conflito nos seis enunciados que foram selecionados. O critério de escolha dos enunciados da hashtag #elesemprefala consiste na estrutura sintática que proporciona grande nitidez no jogo de vozes em conflito. Nessa estrutura há o discurso indireto e o operador adversativo *mas*. A partir disso analisamos como o machismo é denunciado por meio desse movimento virtual. Com base em um entrecruzamento da teoria bakhtiniana com o feminismo analisamos a presença de discursos que pretendem tanto desnaturalizar ações praticadas por homens tidas como normais, mas que podem ser repressoras, como também para vermos os conflitos ideológicos que abarcam essa esfera social

Palavras-chave: ideologia, dialogia, vozes sociais, conflito de valores, feminismo nas redes sociais

Resumen

Esta monografía de conclusión de curso desarrolla estudios sobre cómo es el movimiento en defensa de las mujeres en las redes sociales Facebook y Twitter. Son analizados los enunciados del hashtag #élsiemprehabla en una perspectiva dialógica basada en el marco teórico del Círculo de Bakhtín. Para esto, fundamentaremos nuestros estudios en las categorías de *ideología*, *signo ideológico* y *conflicto de valores*, *comprensión activa de respuesta*, las *voces sociales* y el *discurso indirecto*. También componen el referencial teórico metodológico los estudios de Ducrot y Maingueneau a respecto de la palabra *mas (pero)* en construcciones de estructuras sintáctico-enunciativas de contrastes adversativos apoyados en la interdiscursividad. Partindo de esta base teórica, por lo tanto, buscamos analizar las voces sociales en conflicto en los enunciados seleccionados. El criterio de elección de los enunciados del hashtag #élsiemprehabla consiste en la estructura sintáctico que proporciona grande nitidez en el juego de voces en conflicto. En esta estructura hay el discurso indirecto y el operador adversativo *mas (pero)*. Entonces analizamos como el machismo es denunciado por medio del movimiento virtual. Con base en un entrecruzamiento de la teoría bakhtiniana con el feminismo analizamos la presencia de discursos que intentan tanto desnaturalizar acciones practicadas por hombres tenidas como normales, pero que pueden ser represoras, como también para que veamos los conflictos ideológico que abarcan esta esfera social.

Palabras-claves: ideología, dialogia, voces sociales, conflicto de valores, feminismo en las redes sociales

LISTA DE FOTOS

Figura 1	Enunciados 1, 2 e 3	24
Figura 2	Enunciado 4	27
Figura 3	Enunciados 5 e 6	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2. O CÍRCULO DE BAKHTIN E A LINGUAGEM	15
2.1 Ideologia e relações axiológicas na língua em uso social	17
2.2 Discurso indireto	20
3. O MAS ANALISADO POR DUCROT E MAINGUENEAU E SUA RELAÇÃO COM TEORIAS BAKHTINIANAS	22
4. FEMINISMO E IDEIAS BAKHTINIANAS - as vozes sociais em conflito no movimento virtual feminista <i>#elesemprefala</i>	24
4.1 A sanidade feminina questionada por “ele”	24
4.2 Conflito de valores entre o dizer e o fazer	27
4.3 Sexualidade feminina e os julgamentos sociais	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos foram criadas várias formas de protestos nas redes sociais. No emaranhado de notícias, respostas, debates e posicionamentos, mais especificamente nos dois últimos anos (2015, 2016), foram criados muitos *hashtags* e *memes* com grande repercussão nas redes e que se tornaram campanhas em defesa da mulher diante da desigualdade de gênero. Segundo a Secretaria de Política para as Mulheres (SPM), a quantidade de relatos de violência contra a mulher em 2015 aumentou em 40,33% se comparado com o ano anterior. De acordo com o balanço feito pela Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM) em seu site¹,

Dados referentes à relação entre vítima e agressor/a podem apontar para uma mudança cultural no tocante à representação social da violência contra as mulheres. Nos primeiros 10 meses de 2015, em comparação ao mesmo período de 2014, destaca-se o aumento nos relatos de violência nas relações familiares (89,05%) e nas relações externas (vizinhos, amigos, colegas de trabalho) de 114,21%.

Podemos associar este aumento ao crescimento dessas campanhas nas redes sociais, visto que essa é uma forma de compartilhar os relatos de violência. Além disso, esses relatos nas redes sociais contribuem para constituir a representação cultural da violência contra a mulher, permitindo mostrar até que ponto essa violência tem sido criticada. Assim, conseguimos notar o movimento ultrapassando seus limites virtuais.

Grande repercussão começou com a *hashtag* *#meuprimeiroassédio*, lançada pelo Coletivo feminista *Think Olga* em outubro de 2015, em que as mulheres relataram casos de violência que já sofreram. Esta *hashtag* surgiu em resposta a comentários pedófilos que foram feitos sobre a participante do programa *MasterChef Júnior*². Foi criado um estímulo para que as mulheres relatassem os casos de assédio, ou ainda que questionassem acontecimentos ainda não reconhecidos como assédio, que foram silenciados muitas vezes por medo ou vergonha. Ao trazer uma forma de compartilhamento para que as mulheres vissem que não estão sós, o movimento

¹ <http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/balanco180-10meses-1.pdf>

² Versão infantil do *talent show* de culinária brasileiro *Masterchef*. Exibido em 2015 pelo canal *Rede Bandeirantes*.

proporcionou um meio que dá espaço e voz às mulheres. Como podemos observar no site do coletivo *Think Olga* (2015) os *tweets* não foram poucos.

A partir desse momento, muitas outras *hashtags e memes* foram criados e o movimento virtual denunciativo e predominantemente feminino foi tomando força. Esse ativismo refletiu a vida real para além do virtual. Esta foi e é uma forma que as mulheres participantes das redes sociais encontraram de ter voz para lutar por seus direitos e desmascarar mentiras e comportamentos repressores praticados pelos homens que são próximos a elas. Como exemplo temos os casos das *hashtags #meuamigosecreto e #elesemprefala*.

Ao trazer relatos do que as mulheres vivenciam diariamente e ao explicitar a naturalidade com que opiniões atravessadas por ideologias de repressão são aceitas pela sociedade, essa forma virtual de manifestação mostra como as mulheres são alvo de opressões advindas de uma sociedade patriarcal.

Na base teórica para a realização deste trabalho tomamos como referencial teórico-metodológico a Análise Dialógica do Discurso, fundamentada no arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin, partindo das categorias de *ideologia, signo ideológico e conflito de valores, compreensão responsiva ativa, vozes sociais e discurso indireto*, (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014). Também compõem o referencial teórico – metodológico, os estudos de Ducrot e Maingueneau sobre o operador “mas” em construções de estruturas sintático-enunciativas contrastivas apoiadas na interdiscursividade (DUCROT, 1987; MAINGUENEAU, 1993).

No desenvolvimento desta pesquisa, estes estudos são utilizados para análise de enunciados produzidos na *hashtag #elesemprefala* das redes sociais Facebook e Twitter. A escolha é motivada pela estrutura sintática – discurso indireto e operador adversativo “mas” - que permite uma análise com grande nitidez do jogo de vozes em conflito, pois por meio do discurso indireto a voz de outrem é trazida, e por meio da construção adversativa, essa voz é negada por outra. Essa *hashtag* foi criada por movimentos feministas no dia 1º de abril de 2016 (dia da mentira) com o objetivo de desmascarar falas corriqueiras que podem estar ocultando uma opressão. Como vemos no trecho retirado do site da organização Geledés Instituto da Mulher Negra (2016).

Vamos mostrar que estamos cansadas da enganação diária que é massificada nas nossas relações, nas instituições, no trabalho, no colégio e nas faculdades. Por exemplo: ‘#EleSempreFala que é a última vez que ele me bate’”, afirma Luna Costa, uma das idealizadoras da campanha, em entrevista ao *Catraca Livre*.

Associamos os estudos bakhtinianos aos estudos de Ducrot e Maingueneau a fim de estudar como vozes sociais polarizadas se manifestam em uma construção sintático-enunciativa com discurso indireto e contraste adversativo.

Pensando a linguagem enquanto materialização de posicionamentos ideológicos e atrelada à estrutura social, o objetivo da pesquisa é utilizar os conceitos acima citados para observar como se dá a construção discursiva e linguística da luta social travada nos enunciados que pretendem denunciar a opressão à mulher. Os veículos que constituem o objeto de análise (presentes nas redes sociais) trazem signos ideológicos confrontando índices de valor contraditórios, sendo esses signos a arena onde se desenvolve a luta (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014).

Assim, a pesquisa aqui realizada considera as “relações entre linguagem e sociedade sob o signo da dialética do signo, enquanto efeito de estruturas sociais” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 11). A estrutura social e cultural, à qual os discursos a serem analisados estão condicionados, tem por base o patriarcado. Como é explanado por Saffiotti (1987), o patriarcado não é o único princípio estruturador da sociedade brasileira, havendo, portanto, outras fontes de dominação como a divisão da sociedade em classes sociais, as diferenças raciais e étnicas, as diferenças entre orientações sexuais, entre outras. Mesmo que não constitua o objeto de pesquisa deste trabalho, vale salientar a abrangência com que estas outras fontes de dominação estão sendo questionadas no ativismo das redes sociais, pois,

não é senão pela igualdade social que se luta [...] Afinal, travam-se, cotidianamente, lutas para fazer cumprir um preceito já consagrado na Constituição brasileira. [...] “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de sexo, raça, trabalho, credo religioso e convicções políticas” (§ 1º do artigo 153). (SAFFIOTTI, 1987, p. 15)

Existe o desenvolvimento de uma luta em defesa de minorias em um ambiente que dá voz a essas pessoas que lutam por um espaço na sociedade. Essa luta abrange, como foi dito acima, não só a luta feminista como também demais lutas que visam pôr fim à discriminação. Em tempos de lutas contra opressões, é muito comum que as pessoas comecem a aderir aos discursos: “não sou racista”, “não sou machista”, “não sou homofóbico”. No entanto, a opressão e os preconceitos se dão de formas mais sutis intrincados em uma estrutura social (SAFFIOTTI, 1987). É a partir dessa hipótese que

fazemos as análises presentes neste trabalho: buscamos no discurso das hashtags em questão elementos linguísticos que possam servir de denúncia de um machismo velado.

Pretendemos analisar o *corpus* a partir da perspectiva de uma pluralidade social do signo ideológico, sem colocá-lo à margem da luta de classes. Pois é o entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014). Além disso,

aquilo mesmo que torna o signo ideológico vivo e dinâmico faz dele um instrumento de refração e de deformação do ser. A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 48)

É justamente neste ponto que conduzimos nosso trabalho: analisar os signos em uso e em luta nos meios de comunicação, buscar a compreensão do signo como instrumento ideológico atuando diretamente nos e pelos seres, ou como diz Bakhtin/Volochínov (2014, p.47, grifo do autor), “O ser, refletido no signo, não apenas nele reflete, mas também *se refrata*”. Fazemos, no segundo capítulo, uma breve exposição teórica sobre os estudos do Círculo de Bakhtin no que tange a seus estudos sobre as categorias de *ideologia, signo ideológico, conflito de valores, compreensão responsiva ativa, vozes sociais e discurso indireto* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014). Posteriormente, no terceiro capítulo, trazemos os estudos de Ducrot e Maingueneau utilizados para a análise dos discursos, bem como explicitamos como foi feita a interrelação entre essas teorias estudadas para a realização da pesquisa. No capítulo quatro é feita uma reflexão sobre a relação entre feminismo e a teoria dialógica bakhtiniana. Em seguida, no mesmo capítulo encontram-se as análises das *hashtags* coletadas.

2. O CÍRCULO DE BAKHTIN E A LINGUAGEM

É importante primeiramente que situemos o "Círculo de Bakhtin" em seu contexto filosófico, histórico e social para melhor entendermos seus posicionamentos. Mikhail Bakhtin nasceu em 1895 na Rússia e pertencia a um círculo de intelectuais e artistas como Marc Chagall, Sollertinsky, V. N. Volochínov e P. N. Medviédiev. O grupo foi contemporâneo dos movimentos formalistas e futuristas, porém não participou de nenhum deles (BAKHTIN, 2014). Em um primeiro instante, fazemos uma breve exposição a respeito das bases filosóficas em que se sustentam as teorias do Círculo de Bakhtin.

O Círculo de Bakhtin cria suas bases filosóficas na Rússia soviética. Na obra "Marxismo e filosofia da linguagem", fica clara a abordagem marxista da linguagem. Mais especificamente em Volochínov e Medviédiev, encontramos “a construção de uma teoria marxista da chamada criação ideológica, ou seja [...] uma teoria das manifestações da superestrutura.” (FARACO, 2009, p.17)

Também é pertinente falar de uma outra corrente filosófica presente no conjunto da obra do Círculo de Bakhtin, corrente esta que foi considerada relevante por Bakhtin. Estamos falando dos problemas formulados por filósofos neokantianos. Com clareza podemos afirmar que Bakhtin não foi um filósofo neokantiano, pois manteve sua postura crítica a esses filósofos e desenvolveu suas pesquisas de forma bem original e não neokantiana, com relação aos problemas apontados pelos neokantianos. No entanto, em seus primeiros textos, aponta críticas ao teoreticismo e isso é feito em interlocução com problemas filosóficos formulados principalmente pela fenomenologia e por pensadores neokantianos.

Esse posicionamento crítico frente à razão teórica, que abstrai o ser humano de sua realidade concreta, que constrói juízos em que eu não me encontro, em que eu não existo, será uma das principais constantes do pensamento do autor e do Círculo. O evento único e irrepitível será sempre uma referência central nas suas elaborações filosóficas. (FARACO, 2009, p. 19)

Bakhtin, desde os seus primeiros escritos, foi crítico do racionalismo, prevalecendo em seus estudos o singular, o evento, o ato individual em detrimento do universal e do sistema que não dá espaço ao subjetivo.

Para darmos continuidade ao entendimento sobre posicionamentos e pilares filosóficos de Bakhtin e seu círculo, apresentamos a crítica que fazem a Ferdinand de

Saussure. O Círculo faz críticas ao "objetivismo abstrato" do linguista e ao estruturalismo que estava crescendo. Para ambos, a língua é um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação, porém a linguística saussureana, na leitura feita por Bakhtin/Volochínov, não concebe a linguagem como objeto da linguística, mas o seu instrumento técnico que seria a língua. Saussure, segundo o autor, explica isso considerando que falta à linguagem uma unidade interna e leis independentes, autônomas, sendo ela heterogênea e de composição contraditória (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014). O linguista suíço, ainda segundo o autor, deixa bem claro em seus estudos a distinção entre *le langage*, *la langue* e *la parole*: a língua (*la langue*) e a fala (*la parole*) são os elementos constitutivos da linguagem, compreendida como a totalidade (sem exceção) de todas as manifestações – físicas, fisiológicas e psíquicas – que entram no jogo da comunicação linguística.

Deve-se saber que o estudo do linguista genebrino é fundamental para a linguística, porém não é suficiente para que possamos entender o exercício efetivo da fala em sociedade, que é nosso objetivo neste trabalho quando foi escolhido o "Círculo de Bakhtin" como embasamento teórico.

[...] ao contrário da linguística unificante de Saussure e de seus herdeiros, que faz da língua um objeto abstrato ideal, que se consagra a ela como sistema sincrônico homogêneo e rejeita suas manifestações (a fala) individuais, Bakhtin, por sua vez, valoriza justamente a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação, que por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais. (YAGUELLO, 2014, p. 14)

Bakhtin, enquanto estudioso da linguagem, parte da ideia de que os significados de um signo são mutáveis e múltiplos de acordo com a realidade social em que é utilizado. “Enunciado/enunciação têm papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano” (BRAIT, 2007, p.65).

Em um enunciado, segundo a perspectiva bakhtiniana, há que se levar em conta a dimensão axiológica, o ato único, a realidade histórica, cultural e social em que se materializa o discurso fazendo do enunciado algo singular que apresenta uma atitude valorativa em relação a determinado estado de coisas. Por outra perspectiva, temos a linguística saussuriana não menos necessária, mas “insuficiente pelo fato de focar o enunciado exclusivamente como um fenômeno da língua, como algo puramente verbal, desvinculado do ato de sua materialização, indiferente às suas dimensões

axiológicas.”(FARACO, 2009, p. 25)

Bakhtin e seu círculo, à medida que elaboram uma teoria enunciativo-discursiva da linguagem, propõem, em diferentes momentos, reflexões acerca de enunciado/enunciação, interação, gêneros discursivos, texto, tema e significação, discurso, discurso verbal, polifonia, dialogismo, ato/atividade/evento e demais elementos constitutivos do processo enunciativo-discursivo. (BRAIT, 2007, p.65)

“A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico vivencial.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 99) Está na base da teoria do Círculo de Bakhtin a impossibilidade de uma palavra ou de um enunciado serem neutros, pois irá sempre expressar um posicionamento valorativo dos sujeitos presentes no discurso.

2.1 Ideologia e relações axiológicas na língua em uso social

O estudo aqui realizado vai para além do linguístico e verbal, estamos adentrando na área de uma filosofia da linguagem, estudando a âmbito do discurso, em que serão articulados a ideologia e o linguístico, pois, como diz Bakhtin/Volochínov (2014, p. 99): “A separação da língua de seu conteúdo ideológico constitui um dos erros mais grosseiros do objetivismo abstrato.”

Partindo desta ideia de que a palavra veicula a ideologia, Bakhtin/Volochínov (2014, p. 31) relaciona signo e ideologia da seguinte forma:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia.* (grifo do autor)

Estudamos, aqui, os dizeres, as palavras, os enunciados, os signos desvinculados de um conceito preso em um significado único, como um dicionário. O propósito aqui é estudar a língua em uso social, como bem resume Cereja (2007, p. 201):

Para Bakhtin/Voloshinov, a significação é um dos problemas mais complexos da Linguística. Na produção teórica do Círculo, nota-se a preocupação dos autores de lidar com as questões de sentido de forma ampla, isto é, pensar não apenas os sentidos do signo, mas do signo ideológico; pensar o signo não apenas no domínio da língua, mas também no domínio do discurso e, portanto, da vida.

Essa reflexão de Cereja nos explicita a forma como analisamos os textos verbais

que são nosso *corpus*. Ou seja, partimos da ideia de que “a palavra também é história, é ideologia, é luta social, já que ela é a síntese das práticas discursivas historicamente construídas.” (CEREJA, 2007, p. 204), assim a realidade e estruturas sociais devem estar vinculadas à análise do enunciado em questão.

Para entendermos as relações semiótico-axiológicas com as quais determinado grupo social irá expressar sua realidade, devemos levar em conta que a enunciação está ancorada no horizonte social de valores. Sendo assim, é de essencial importância que analisemos a posição do sujeito social, as vozes sociais presentes no objeto de análise e os encontros e confrontos de diferentes índices sociais de valores que irão compor os espaços dos signos.

Bakhtin e seu círculo irão discorrer sobre problemas filosóficos e sociológicos na ciência da linguagem. Para tanto irão se contrapor ao positivismo, que trabalha com formas prontas e imutáveis. Bakhtin trabalhou com uma esfera em ação, que se modifica sem se prender a um molde permanente, ou seja, o autor pensa sempre a partir de relações dialéticas.

Para dar continuidade ao entendimento da relação entre palavra, signo e ideologia, segundo Bakhtin/Volochínov (2014, p. 42), a palavra está presente em todas as relações entre indivíduos e “são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. Esse autor escreve sobre a “psicologia do corpo social” que constitui um elo entre estrutura sociopolítica e a ideologia, e que é materializada sob a forma de interação verbal, se situando assim na palavra, no gesto, no ato. Para se falar da psicologia do corpo social, segundo o autor, há dois pontos de vista: o do conteúdo, a realidade que dá lugar à formação de um signo, que será chamado de tema e o ponto de vista dos tipos e formas de discurso através dos quais estes temas tomarão forma. Aqui damos maior atenção ao tema do signo para posteriormente adentrarmos no conceito de dialogismo.

Como disse Bakhtin/Volochínov (2014, p. 46), “não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social”, ou seja, é necessária uma ligação com as condições socioeconômicas de determinado grupo social para então existir uma relação semiótico-ideológica. Um forte pressuposto do Círculo é exatamente o de que a enunciação de um signo está sempre ancorada nos horizontes sociais de valores. Sendo os signos espaços de encontros e confrontos de diferentes índices sociais de valor, é a partir destes múltiplos discursos sociais que Bakhtin trata sobre as vozes sociais, “entendendo-as como complexos semiótico-

axiológicos com os quais determinado grupo humano diz o mundo.” (FARACO, 2009, p. 56)

Vemos, portanto, como se dá a construção de um enunciado, em um plurilinguismo dialogizado, em que as vozes sociais se entrecruzam e que o enunciado expressará posicionamentos e ideologias. Tomando sempre uma posição socioaxiológica, tentaremos explicar um pouco do que é o dialogismo para o Círculo de Bakhtin.

Faraco (2009) faz uma reflexão sobre a diferença de se estudarem ciências naturais e ciências humanas, nesta distinção o autor aponta a segunda como produzida a partir de uma relação sujeito/sujeito e usa como exemplo o texto como objeto de estudo. Ao utilizar-se deste exemplo, observamos que o objeto sendo um texto, trata-se de uma relação sujeito/sujeito visto que, por trás do texto, há um sujeito, portanto há uma visão de mundo e um universo de valores com que se interagem.

Aqui inferimos já a forma como a linguagem e sua materialização são estudadas e analisadas por esses estudiosos russos. Ou seja, tendo as ciências humanas um objeto que não é mudo e sendo esse objeto uma expressão de alguém, teremos destarte uma relação dialógica, isto é, teremos uma interação, um encontro de orientações axiológicas decorrentes do fato de a produção e recepção serem sempre contextualizadas.

Outro aspecto do diálogo é entre as palavras na história; assim analisamos os enunciados selecionados para esta pesquisa a partir da ideia de que as palavras neles presentes estão sempre atravessadas por outras palavras. Ou seja, observamos como se dão as relações de sentido estabelecidas entre os enunciados escolhidos e demais enunciados já ditos antes.

Destacamos ainda que, ao fundamentar nossos estudos nas ideias bakhtinianas de superestrutura, lembramos que não se tem acesso direto à realidade, uma vez que ele é sempre mediado pela linguagem. Pensemos então que, “[...] todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam.” (FIORIN, 2008, p.19), por conseguinte, temos um determinado enunciado como uma réplica de outro(s).

Além disso, na perspectiva adotada aqui os enunciados são sociais, pois segundo o que afirma Fiorin (2008) sobre Bakhtin, todo enunciado se dirige não somente a um destinatário imediato, mas também a um superdestinatário, cuja compreensão responsiva é determinante da produção discursiva e a identidade desse destinatário varia de grupo social para grupo social.

No processo de comunicação, há o que Bakhtin chama de *compreensão responsiva ativa*, ou seja, “compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar seu lugar adequado no contexto correspondente” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.137). Além disso, segundo Bakhtin (2000) o locutor postula essa compreensão responsiva ativa esperando uma resposta, seja ela de concordância ou não, seja ela realizada por um ato, seja ela muda ou ainda de ação retardada trazendo um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte.

Em vista disso, consideramos no nosso *corpus* como é trazida a voz do outro no enunciado. Vemos como isso é feito de forma “demarcada” por meio do discurso indireto e da conjunção *mas*, recorrentes na *hashtag #elesemprefala*.

2.2 Discurso indireto

Ainda partindo da perspectiva bakhtiniana, que carrega o nosso trabalho, adentramos na categoria estudada pelo Círculo denominada *discurso indireto*.

O discurso de outrem, as *vozes sociais*, já explanado acima, está presente nos enunciados, sendo transmitidos de variadas formas. Aqui estendemo-nos a respeito da construção sintática do discurso citado por meio do discurso indireto. Esta construção nos apresenta de forma nítida a presença de outras vozes, de outros discursos. Sobre o discurso citado, Bakhtin/Volochínov (2014, p. 150) nos elucidam:

Aquilo que nós falamos é apenas o conteúdo do discurso, o tema de nossas palavras. Um exemplo de um tema que é apenas um tema seria, por exemplo, “a natureza”, o “homem”, “a oração subordinada” (um dos temas da sintaxe). Mas o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral da construção. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama linguística do contexto que o integrou.

O autor continua sua reflexão sobre o discurso citado que entra no discurso e na sua construção sintática, concluindo que:

Se nos limitarmos ao tratamento do discurso citado em termos temáticos, poderemos responder às questões “*Como*” e “*De que falava Fulano?*”, mas “*O que dizia ele?*” só pode ser descoberto através da transmissão das suas palavras, mesmo que só sob a forma de discurso indireto. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV 2014, p. 150, grifo do autor)

Entretanto, a enunciação deste discurso citado não é trazida de forma literal, ela passa por análises, pois segundo Bakhtin/Volochínov (2014) o discurso indireto ouve de forma diferente o discurso de outrem, ele integra ativamente a transmissão. O discurso indireto traz a enunciação de uma outra pessoa para uma nova enunciação, manifestando-se assim essa relação ativa de uma enunciação a outra.

O que observamos nas análises das *hashtags* é mesmo a forma ativa com que é integrado o discurso citado, pensamos como o discurso de outrem é captado e transmitido pelo autor das *hashtags*. Com base nisso, estão presentes em nossas reflexões as categorias acima citadas e discutidas, bem como o contexto social e cultural de transmissão do discurso, a ideologia dominante à qual ele está vinculado, a contraideologia que é veiculada nele e os conflitos de valores expostos pelas vozes sociais que nele se entrecruzam.

Em nossas análises, encontramos indícios daquilo que Bakhtin/Volochínov (2014) defende: a língua elabora meios versáteis e sutis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem, podendo colori-lo com sua entoação, seu humor. Como é o caso das *hashtags* que analisamos: os discursos de outrem são apresentados seguidos de uma conjunção de contraste adversativo *mas* (DUCROT, 1987; MAINGUENEAU, 1983) que os nega, trazendo o tom crítico.

3. O *MAS* ANALISADO POR DUCROT E MAINGUENEAU E SUA RELAÇÃO COM TEORIAS BAKHTINIANAS

Como já foi dito acima, para a análise partimos da estrutura sintática dos enunciados que proporciona nitidez no jogo de vozes em encontros e confrontos de valores sociais. O que desenvolvemos neste item é o uso da conjunção *mas* marcando um contraste adversativo nos enunciados estudados.

Partimos dos estudos de Ducrot com valores argumentativos para o âmbito do discurso. Dentro da perspectiva deste autor, os enunciados com o *mas* são descritos na estrutura “ ‘p mas q’, dizendo que o primeiro segmento (p) é apresentado como um argumento para uma certa conclusão (r), e o segundo para a conclusão inversa” (DUCROT, 1987, p. 215).

A partir dessa descrição feita por Ducrot, nos valeremos da leitura que Maingueneau fez daquele autor e do acréscimo teórico deste último.

Sobre a conjunção que estamos explanando aqui afirma Maingueneau (1993, p. 165) “note-se que ela apresenta um interesse indiscutível para a AD, em razão da sua grande frequência e de sua ligação com o implícito.” É nesse âmbito que iremos trabalhar com o *mas*, ou seja, no âmbito do discurso em que ele dará determinados tons aos enunciados e trará vozes sociais em conflito. Observaremos então o que está implícito.

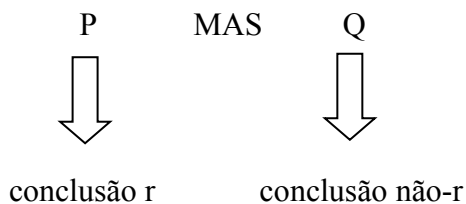
A partir de Ducrot, Maingueneau (1993) nos apresenta dois tipos de *mas*, sendo um de “refutação” e outro de “argumentação” e é nesse último que nos basearemos. O *mas* de “refutação”, como nos afirma o autor nesta mesma obra, se equivale ao *sino* em espanhol, é um operador que liga a negação e a retificação. Para ficar mais claro sobre esse tipo desse operador, mostramos o exemplo trazido pelo autor:

“O protocolo de 16 de dezembro de 1984, embora rejeitado no último momento, será lembrado por muito tempo: o sindicato não mais aparece como um agrupamento de defesa dos interesses dos assalariados, *mas* como um instrumento de gestão econômica à disposição de quem dele deseja se servir” (Le Monde, 3/1/1985, p. 2)” (MAINGUENEAU, 1993, p. 165, grifo do autor)

No entanto, nosso foco será no *mas* argumentativo, que liga dois atos distintos. Portanto, iremos analisar o operador observando a situação em que há circulações de múltiplas vozes atravessando as subjetividades.

Partiremos do esquema abaixo para fazermos nossa análise, pensando o *mas* não estabelecendo diretamente relação de força entre as duas partes dos enunciados, mas sim

colocando a primeira como negligenciável, derivando a força maior de Q. Como nos foi explicado por Maingueneau (1993, p. 167).



Assim, associaremos esses estudos aos estudos do Círculo de Bakhtin para fazermos nossas análises. Partiremos da estrutura sintática em que há o discurso indireto e a oração adversativa a partir do *mas* para encontrarmos as vozes sociais e as interpelações ideológicas que entram em conflito no discurso dentro de determinado contexto social, histórico e político.

Reforçamos que enquanto os estudos de Ducrot sobre o operador tratam de valores argumentativos, o Círculo de Bakhtin nos proporciona tratar de valores discursivos nas análises linguísticas, sendo possível falar sobre posicionamentos axiológicos. Utilizamos disso para analisar o corpus e promover resultados que contemplam a linguagem em ambos os domínios.

4. FEMINISMO E IDEIAS BAKHTINIANAS - as vozes sociais em conflito no movimento virtual feminista *#elesemprefala*

É importante afirmar que o Círculo de Bakhtin não abrange teoricamente as questões de gênero, mas há alguns entrecruzamentos entre ambas as teorias que vão no caminho de uma construção identitária socialmente construída na e pela linguagem, além de colocar o sujeito em comunicação com o mundo e com a ideologia que o sustenta.

Podemos aferir que tanto as ideias feministas como o arcabouço teórico do Círculo vão no sentido da atenção com a mudança das normas sociais, raciocinando a construção do que é “bom” e do que é “natural”. Bakhtin concebe a linguagem como nunca sendo neutra, mas sim como reflexo de relações de poder, como já foi explanado aqui sobre o signo ser a arena da luta social. Portanto, vemos que tais aspectos são de grande contribuição para pensarmos no movimento feminista ao qual nos referimos nesta pesquisa.

Na introdução de *Feminism, Bakhtin and the Dialogic*, Dale M. Bauer e Susan Jaret McKinstry (1991, p.1) conceituam o dialogismo feminista como aquele que “*challenges the assumption in contemporary culture of a monolithic or univocal feminism*”³. Assim, vemos que a relação entre diversas vozes é relevante ao movimento feminista para que se possa ser definida uma unidade a partir de uma multiplicidade.

Inferimos que há uma relação entre o movimento que defende as mulheres, em uma sociedade patriarcal, com o dialogismo, uma vez que há uma manifestação de vozes diversas em contraste a uma voz única e normativa. Vemos então nos enunciados analisados como se dá a manifestação dessas diversas vozes.

4.1. A sanidade feminina questionada por “ele”

Figura 1

Enunciado 1

#EleSempreFala que não é machista mas me chama de louca, exagerada e despeitada se falo sobre algo que me oprimiu.

³ “Desafia a suposição na cultura contemporânea de um feminismo monolítico ou unívoco.” (Bauer e McKinstry 1991, p.1). (Tradução minha)

Enunciado 2

#elesemprefala e a mídia tb que mulher perdeu o controle porque levantou a voz, mas homem tomou o controle porque falou firme #istoémachismo

Enunciado 3

#elesemprefala que não foi machista e que você é egocêntrica e louca... logo depois tá discutindo o mov feminista como dono da verdade.

Nos três enunciados vemos que há um fator em comum: o questionamento da sanidade feminina. Por este motivo iremos analisá-las juntas, porém fazendo as devidas ressalvas sobre as particularidades de cada uma.

Seguindo o embasamento teórico já desenvolvido neste trabalho, iniciamos pensando o discurso indireto que traz a voz de outrem de forma nítida.

Nos enunciados 1 e 3 há uma primeira voz trazida que é a de um homem que se diz não machista, porém em seguida a voz desse mesmo homem é trazida com conteúdos que, da perspectiva feminista, vão de encontro a essa afirmação.

Acentuamos aqui que a voz que se diz não machista já é uma resposta de defesa a discursos existentes de que homens são machistas. Já os elementos da segunda fala são palavras constantemente utilizadas para questionarem a sanidade de uma mulher em momentos que ela contesta o homem em questão. É importante ressaltarmos aqui que há um histórico social e cultural de questionamento da sanidade da mulher, como nos é explicado a seguir:

Toda a (des)valorização do útero aponta, igualmente, para a posição da mulher histórica. O que permite tal associação é o fato de que, durante o século XVIII, a sensibilidade e a debilidade ditas femininas foram denominadas pelos médicos da época como “afecção vaporosa”, ou simplesmente “vapores”, mas a vulgarização do termo transformou-o em “histeria” (CASA NOVA, 1996). No final do século XIX, a histeria ainda era vista como uma doença associada à fragilidade e às carências exclusivamente femininas. A etimologia esclarece essa crença, pois sua origem vem da palavra grega *hysterá*, que significa justamente útero. Acreditava-se que era dele que migrava o sangue contaminado e, ao atingir o cérebro, provocava as convulsões. Muitas mulheres diagnosticadas como histéricas foram encerradas nos mesmos asilos e manicômios que os epiléticos e os doentes mentais. Os processos de histerização e a conseqüente necessidade de uma medicalização minuciosa do corpo feminino assumem especial relevância na construção discursiva da identidade do feminino e os efeitos desses processos são bastante disseminados em textos de diferentes gêneros. (WITZEL, 2014, p. 535)

Em específico no enunciado 3, essa segunda voz que vai de encontro com a primeira é trazida sem a utilização da conjunção *mas*. Neste enunciado tanto a voz que se diz não machista e a voz que chama a mulher de egocêntrica e louca são trazidas pelo discurso indireto, até então não colocadas nitidamente como contraditórias, pois a denúncia da contradição aparece depois, com a informação de que esse homem discute o movimento feminista como dono da verdade. Vemos aqui então a voz feminista que põe em contradição um homem que não aceita o questionamento de seu suposto machismo e coloca então a mulher como louca. Além disso, é colocado que ele fala sobre o movimento feminista como se soubesse mais do que qualquer outra pessoa, inclusive mulheres. Esse acontecimento é muito discutido entre feministas e também demais movimentos de “antiopressão” como por exemplo o movimento negro, pois se defende a ideia de protagonismo e também a ideia de que quem sente na pele a opressão sabe melhor do que o opressor, tendo portanto o direito de fala. Portanto, quando a voz feminista pontua essa questão, ela está trazendo esse discurso para o enunciado. Aqui então, há não só a voz de quem escreveu o enunciado, mas a voz de um movimento social.

Já no enunciado 1, a pessoa que escreveu o enunciado coloca a contradição a partir da conjunção *mas*. Ou seja, segundo nossos estudos sobre Ducrot e Maingueneau neste quesito, observamos que a primeira voz (a que se diz não machista) leva a uma determinada conclusão, porém essa voz é negligenciada pela segunda, que aparece após a conjunção adversativa (“me chama de louca exagerada e despeitada se falo sobre algo que me oprimiu”) e nega a conclusão que seria tomada anteriormente. Ambas as vozes são do homem machista, mas também há outra, que consiste na do sujeito feminista que denuncia e a voz social de vertente feminista que coloca como contraditórias as ações do denunciado.

É importante também falarmos sobre a utilização de 1ª pessoa em 1 (“[...] me chama [...] falo [...] me oprimiu”) e 2ª pessoa em 3 (“[...] você é egocêntrica [...]”). Ao pensarmos na voz que enuncia, vemos que em 1 é trazida uma voz de uma mulher que foi ou é oprimida, já em 3 é trazida a voz da mulher do movimento feminista. Em ambos os casos, como já foi dito, há a voz social da luta feminista, mas a forma como foram enunciados apresenta em 1 uma perspectiva de subjetividade e em 2 uma perspectiva do todo de um movimento.

Partindo agora para o enunciado 2, vemos que a contradição é colocada a partir de uma comparação entre como é tratado diferentemente o mesmo comportamento em gêneros distintos. Em um primeiro momento são trazidas vozes de sujeitos masculinos e

da mídia por meio do discurso indireto. Essa primeira parte do enunciado (“mulher perdeu o controle porque levantou a voz”) está embebida de uma ideologia dominante em uma sociedade patriarcal, que consiste no questionamento da sanidade da mulher em um momento que ela pode se encontrar brava. Porém aqui, para deslegitimar o enunciado trazido (de que a mulher perdeu o controle porque levantou a voz), a autora ou autor do enunciado utiliza a conjunção adversativa e traz ainda a voz de quem se pretende denunciar (de que o homem tomou o controle porque falou firme), apresentando assim, a contradição.

Destarte, o que podemos observar aqui são conflitos de valores sociais, conflitos esses gerados por formas diferentes de se tratar pessoas de gêneros sexuais distintos.

4.2 Conflito de valores entre o dizer e o fazer

Figura 2

Enunciado 4

#Elesemprefala que tá do lado da luta das minas, mas na mesa do bar com os amigos ri das piadinhas machistas.

Podemos observar que há a transmissão do discurso de outrem por meio do discurso indireto. Esse discurso relatado é a voz de quem se diz não machista e ao lado das mulheres. Aqui há uma dialogicidade que apresenta uma réplica ao discurso de que homens são machistas. Por outro lado, há a voz feminista que pretende denunciar o que se lhe apresenta como uma hipocrisia, já que, nesta ideologia social de luta em defesa das mulheres, existiria uma incompatibilidade entre estar ao lado da luta das mulheres e contribuir para oprimi-las quando se legitima piadas machistas. Essa incompatibilidade fica nítida na construção a partir do “mas” (adversativa). Esta afirmação feita pela voz que enuncia é também uma resposta que refuta o que vem antes do “mas”. Ou seja, a voz masculina, trazida pelo discurso indireto, é ressignificada, pois quando negada pela afirmação que aparece depois do “mas” (na mesa do bar com os amigos ri das piadinhas machistas), concluímos que o que se pretende é desmentir a fala de quem se diz estar do lado da luta das minas. O jogo de vozes polarizadas é, portanto, uma materialização do conflito ideológico que se encontra na sociedade

4.3 Sexualidade feminina e os julgamentos sociais

Figura 3

Enunciado 5

#Elesemprefala que mulher devem ser respeitada, mas diz que existe mulher pra casar e mulher pra transar!

Enunciado 6

#Elesemprefala que respeita as mulheres, mas na primeira oportunidade chama as minas de putas por usar roupas curtas.

Aqui o fator em comum dos dois enunciados que serão analisados é a relação entre aspectos sexuais das mulheres e a dubiedade para com a seriedade e respeito com elas. Ou seja, são trazidos elementos com valores sociais, como estereótipos de mulheres sérias ou não sérias, estereótipos de tipos de mulheres que devem ou não ser respeitadas.

Nos enunciados 5 e 6, observamos a estrutura do discurso indireto seguido da conjunção *mas*. O discurso indireto traz a voz de homens que dizem que mulheres devem ser respeitadas e que respeitam as mulheres. Aqui já constatamos também que essa voz citada responde a uma outra voz social existente, a voz de um discurso ou de um conceito construído de que mulheres não são ou não devem ser respeitadas. Assim, quando o sujeito diz que respeita ou que mulheres devem ser respeitadas, já há uma defesa de si mesmo em resposta a discursos existentes que colocam os homens como suscetíveis a cometerem opressões.

Após esta primeira parte dos enunciados, nos é apresentada a conjunção *mas* seguida de discursos que são colocados pela perspectiva feminista como contraditórios à fala relatada anteriormente. Então vemos que no enunciado 5 a pessoa que enuncia traz novamente a voz de quem se pretende denunciar: “diz que existe mulher pra casar e mulher pra transar”. Aqui, ao colocar esta passagem após a conjunção adversativa, a voz que enuncia coloca o argumento anterior (“mulher devem ser respeitada”) como negligenciável, pois da perspectiva de luta em defesa das mulheres esta fala estereotipa comportamentos que são “bons” ou “ruins” hierarquizando assim valores sociais construídos e conflitantes.

No enunciado 6 acontece o mesmo processo acima descrito, porém com conteúdo diferente, pois o que se pretende denunciar pela pessoa que enuncia é o julgamento da mulher a partir da roupa que está usando. Nesta parte observamos então alguns confrontos entre vozes sociais e a ideologia da qual o enunciado está embebido. Como por exemplo, ao dizer a palavra “puta” de forma que diminui a mulher, já é trazido a ideologia de que ser prostituta torna a mulher inferior. Outra ideologia que vai ao encontro desta é a de que a mulher que usa roupa curta quer fazer sexo, descartando a ideia de que ela poderia apenas gostar do estilo da roupa. Enfim, mais uma vez há conflitos de valores de gêneros

sexuais sendo explicitado pelo uso do operador adversativo. Em um primeiro momento há o discurso de quem diz que respeita as mulheres, o que leva a uma conclusão de que essa pessoa não concorda com atitudes ou dizeres que possam oprimir ou agredir uma mulher. No entanto, após o “mas” há uma afirmação de que essa mesma pessoa “chama as minas de putas por usar roupas curtas”, o que vai de encontro com o que foi enunciado anteriormente, já que essa segunda afirmação está embebida das ideologias já descritas neste parágrafo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os enunciados, nesta pesquisa, vemos a presença de discursos que pretendem tanto desnaturalizar ações corriqueiras praticadas por homens e tidas como normais, mas que podem ser repressoras, como também vemos os conflitos ideológicos que abarcam essa esfera social.

Para isso trabalhamos em estudos que nos deram alicerce para refletir sobre diversas visões de mundo, os valores sociais e as relações de poder que se estabelecem em eventos como a *hashtag* analisada, além de ter observado os acontecimentos de movimentos virtuais como um todo. Portanto, analisando-os sob uma perspectiva bakhtiniana percebemos o quanto são permeados por múltiplas vozes sociais, trazendo diferentes posicionamentos axiológicos em diferentes contextos. Para tanto, a orientação conceitual dessa pesquisa foi baseada nos estudos bakhtinianos sobre análise dialógica do discurso juntamente com as categorias de *ideologia*, *signo ideológico*, *conflitos de valores* e *vozes sociais*.

A partir dessa base partimos para conceitos voltados para a construção sintática dos enunciados a serem analisados. Isso foi feito com o arcabouço teórico de Círculo de Bakhtin sobre *discurso indireto*, além do arcabouço de Ducrot e Maingueneau sobre a conjunção de contraste adversativo *mas*.

Vimos então que há a voz feminina se colocando em um lugar de quem pode criticar e trazer valores feministas, ou seja, valores que defendem a mulher em uma sociedade que ainda possui muitos padrões que as reprimem. São trazidos, por meio do discurso indireto, enunciados com a voz masculina ressignificada. Ou seja, os valores em defesa da mulher são predominantes exatamente porque são trazidos a partir do *mas*, que possibilita negligenciar a voz masculina que aparece no enunciado. No caso da pesquisa, essas asserções negligenciadas referem-se a dizeres que transmitem os valores que muitas vezes tolem, mentem ou agridem mulheres. É notável, pois, que a estrutura sintática permite que a voz em defesa das mulheres apareça.

A linguagem foi trabalhada sob uma concepção da linguagem amparada no contexto social, histórico e cultural, além das situações concretas em que se dão os conflitos de valores sociais.

Por fim, é importante dizer que a presente pesquisa é apenas um esboço do quadro social contemporâneo em que se encontra o movimento em defesa de mulheres. Tampouco a pesquisa finda estudos sobre Círculo de Bakhtin, dialogia, linguagem e luta

social, sendo portanto um começo de demais temas e desenvolvimentos conceituais sobre essas questões.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN/VOLOCHÍNOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 16ª Edição. São Paulo: Hucitec, 2014.

_____. **O discurso na vida e o discurso na arte**. Sobre poética sociológica. Trad. do inglês: Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para fins didáticos.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 3ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010.

BRASIL. Ministério das Mulheres, da igualdade racial e dos direitos humanos. Secretaria de política para as mulheres. **Balanco Ligue 180 Central de atendimento à mulher**. Disponível em <http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/balanco180-10meses-1.pdf> Acesso em: 12 set. 2016

BAUER, Dale. M.; MCKINSTRY, Susan Jarret. **Feminism, Bakhtin and the dialogic**. New York: State University Press, 1991.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

GELEDÉS. “Campanha feminista #elesemprefala denuncia mentiras contadas por homens.” 01 de abril de 2016. Disponível em < <http://www.geledes.org.br/campanha-feminista-elesemprefala-denuncia-mentiras-contadas-por-homens/#gs.LUmJSyM>>.

Acesso em 08 jan. 2017.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. 2ª edição. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1993

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

VENTURI, G. ; GODINHO, T. (Orgs.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado**: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc SP, 2013.

THINK OLGA. “Hashtag transformação: 82 mil tweets sobre o #primeiroassedio.” 26 de outubro de 2015. Disponível em <<http://thinkolga.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>>. Acesso em 02 jan. 2017.

WITZEL, D.G. “Discurso, histórica e corpo feminino em antigos anúncios publicitários.” Alfa. São Paulo, 58 (3), p. 525 – 539. 2014. Disponível em <<file:///C:/Users/maril/Downloads/DISCURSO-HIST%C3%93RIA-E-CORPO-FEMININO-EM-ANTIGOS-AN%C3%94NCIOS-PUBLICIT%C3%81RIOS.pdf>>

Acesso em 02 jan. 2017.

YAGUELO, M. Introdução. In: BAKHTIN/VOLOCHÍNOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16ª Edição. São Paulo: Hucitec, 2014.